

Notícias de Guimarães

Ano 17.º N.º 842
 GUIMARÃES, 21 de Março de 1948
 Red. e Adm., R. da Rainha, 66-A. Tel. 4919
 Comp. e Imp., Minerva Vimaranesa. Tel. 4177
 Visado pela Censura. Avença

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Os Paços do Concelho

Antes de continuarmos o comentário das objecções levantadas, por bem ou mal intencionados, à continuação das obras dos Paços do Concelho, convém, desde já, tranquilizar aqueles que, por entenderem não dispor a Câmara de fundos para custeá-las nem ser possível conseguir a comparticipação do Estado, se persuadam da inutilidade das nossas considerações.

A esses, antecipamo-nos a declarar que é e sempre foi intenção nossa demonstrar, oportunamente, no decorrer destes artigos, que é possível, sem a comparticipação do Estado e até sem a cooperação financeira da Câmara, continuar a construção do edifício e concluí-lo; a questão está só em que Guimarães assim o deseje.

Afirmado isto, prossigamos. Em princípio de 1934, a Comissão de Revisão de Projectos e Orçamentos da Direcção Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais emitiu, a propósito do pedido que havia sido feito da comparticipação do Estado para a conclusão do edifício em construção, um parecer infundamentado, contraditório e vago, no qual começa por dizer que o projecto *merece aprovação* e acaba por aconselhar que se dê ao edifício um outro destino, depois de modificado o mesmo projecto que lhe mereceu aprovação.

Não nos interessa indagar se terão ou não fundamento os zonzuns que insistentemente correram, e ainda se não extinguíram, de que este parecer não seria inteiramente sincero, dadas certas fidejais incompatibilidades provenientes da emulação entre artistas do mesmo officio.

Sincero ou não o parecer, o que prevalece acima de tudo é o facto concreto de ter sido emitido e, portanto, cumpridos discuti-lo, não pelo que, intrinsecamente, representa e que, como demonstraremos, nada vale, mas pelo quanto pode servir de base ou apoio para os facciosos detractores da bela obra que, tão desgraçadamente, se interrompeu e que há tanto tempo podia estar concluída.

O parecer abre com a decla-

ração de que o projecto *merece aprovação*. Não se percebe, facilmente, a oportunidade nem a utilidade de nos ser afirmado pela Comissão dos Monumentos Nacionais ou por qualquer outra, na altura em que a construção do edifício já atinge o primeiro andar, que o respectivo projecto *merece aprovação*.

O projecto foi aprovado por um júri emérito, competente e autorizado que, de harmonia com as normas legais, foi nomeado expressamente para o apreciar no concurso público a que se procedeu em 1914. E não só foi aprovado como julgado o melhor de todos quantos se apresentaram nesse concurso.

A Câmara Municipal de Guimarães, única entidade que, como legítima representante do concelho que a elegera, tinha de decidir em última instância, acatou a decisão do júri, aliás, sancionada pelo povo vimaranense, que dispunha de plena liberdade para se manifestar e ao qual foram facultados, ampla e francamente, todos os meios de exame e de crítica.

A que vem, depois disso, e para que serve a declaração, seja de quem for, de que o projecto *merece aprovação*? Que a *mereceu*, era a única coisa que se podia dizer, e que a tinha bem merecido por uma enorme concorrência de circunstâncias felizes era o que, com justiça, se podia acrescentar; temos, pois, de considerar a declaração de que o projecto *merece aprovação* como uma forma pouco feliz que a Comissão encontrou para evidenciar a sua concordância com a aprovação que foi dada ao projecto, em tempo competente, por quem de direito.

Escusava, todavia, a Comissão de vir com tal esclarecimento, porque a ninguém era lícito esperar do alto valor artístico e profissional dos seus membros, todos tão ilustres, outra opinião.

E só depois desta manifesta-

ção de aplauso ao projecto a que, irremediavelmente, a Comissão não pode eximir-se, começam as restrições que não-de ter por finalidade fun-

ção de que o projecto *merece aprovação*. Não se percebe, facilmente, a oportunidade nem a utilidade de nos ser afirmado pela Comissão dos Monumentos Nacionais ou por qualquer outra, na altura em que a construção do edifício já atinge o primeiro andar, que o respectivo projecto *merece aprovação*.

O projecto foi aprovado por um júri emérito, competente e autorizado que, de harmonia com as normas legais, foi nomeado expressamente para o apreciar no concurso público a que se procedeu em 1914. E não só foi aprovado como julgado o melhor de todos quantos se apresentaram nesse concurso.

SITIO...

O cálix da amargura dolorida
 Passado havia já. Jesus anseia
 Juntá-los, numa extrema despedida,
 — Os rudes pescador's da Galileia.

E o Homem-Deus, Ressurreição e Vida,
 Do Verbo essência, de mistérios cheia,
 Faz-se alimento e doce bebida,
 Naquela augusta e memorável ceia!

Da Via-Dolorosa o vil cenário,
 O fel, a lança, os cravos, o Calvário,
 Jesus revive, em doce antevisão;

Mas, compassivo, em doloroso anelo,
 Dirige ao Pai, um repetido apelo:
 Tenho sede de amor e de perdão!

MENDES SIMÕES.

A VOZ DAS FREGUESIAS

No próximo domingo inicia-se a publicação do nosso inquérito

Guimarães, cidade antiga e muito nobre, rica de belezas e ilustre de tradições, não se quedou nos seus valores de antanho e foi acompanhando a evolução dos tempos.

Hoje, a cidade apresenta um conjunto mixto de modernismo e antiguidade, sem que um estilo prejudique o outro, pelo contrário, em suave transição, o que maior valia empresta a todos os seus recantos, ruas e praças.

A pouco e pouco foi a antiga vila de Vimaranes alargando a sua urbe e depois de romper com as ameias que a comprimiam foi estendendo os seus tentáculos até muito longe, fazendo de Guimarães um dos maiores e mais populosos concelhos do País.

Na realidade, se Guimarães-centro é hoje um valor real no comércio em geral e também na indústria, uma cidade nova com suas características antigas, há que atender que a maior contribuição da sua vitalidade, da sua proeminência na indústria nacional, provém precisamente do labor extremamente intenso, da população altamente densa que se verifica afora das suas barreiras.

São precisamente 70 freguesias que fora do burgo o engrandecem e lhe dão largo contributo material, financeiro e espiritual. São mais de

60.000 indivíduos que labutam ou vêm a fazer-lo nesses aglomerados extra-muros, todos irmanados no seu brio, na sua vaidade de serem vimaranenses, de fazerem parte de uma das mais históricas e das mais laboriosas cidades de Portugal.

Guimarães tem, pois, nas freguesias rurais que circundam a cidade, dois terços da sua população e não deve andar longe dessa percentagem o próprio valor fabril do concelho.

Como é fácil de deduzir, não é pequeno o atributo que a cidade e os poderes públicos recebem desses aglomerados. E no entanto, todos ou quase todos se encontram carecidos de muitos melhoramentos, de autênticas necessidades urgentes, sem que essas pretensões tenham merecido despacho favorável e concretização.

Há, portanto, uma lacuna que a Mãe precisa de preencher para completo agrado dos Filhos. Há necessidades que urge remediar imediatamente, para que essas células poderosas da vida da cidade, do progresso do concelho, continuem activas e saudáveis, mercê do tónico que lhes pode ser dispensado por quem de direito.

Reconhecendo essa imperiosa necessidade, organizou o «Notícias de Guimarães» um rigoroso inquérito às freguesias, em que deporão as pes-

Voltando à vaca fria...

A construção dos Paços do Concelho

Entrego-me à recordação daquilo que, na terra, usamos denominar — *as obras novas*. De facto, a construção de um edifício para os Paços do Concelho e a praça e ruas convergentes, constituíam um plano de visão cidadina. O projecto já conta uma trintena de anos. Pertence à nossa geração. Parece, todavia, que nos falta a coragem para o arrematar. Pelos jeitos que as coisas tomaram, chegou-se à enervante posição dos braços cruzados. Foi daqui que nasceu o insólito arrojado de se proclamar, como obra necessária e urgente, — *deitar abaixo o que está feito!*

Quem proclama, com autoridade bastante, que esse edificio não deve ser concluído?... Não vale a pena *lavar roupa suja*, acusando de imperitos o Arquitecto que o traçou, e o *amador topográfico* que o localizara. O que importa, neste momento, é tomar uma resolução sadia, sensata. Corrigir o que pode ser corrigido, jamais demolir o que está feito.

Ouso afirmar que, a *Domus Municipalis* de Mestre Marques da Silva, é um projecto de inspiração. Pela harmonia do seu arranjo arquitectónico, satisfaz plenamente a nossa tradição municipalista.

Guimarães municipal, cujas raízes históricas promanam do

soas gradas de cada centro, cada uma por si, afim de melhor se apresentar o quadro de necessidades de cada povoado.

A ideia é genial e revela bem o interesse que o regionalismo merece ao «Notícias de Guimarães», que somente pretende trazer a público o que cada freguesia precisa, interessando nessas necessidades a atenção da Câmara e do Governo, a ver se a pouco e pouco vai desaparecendo o vácuo entre as atenções da cidade urbana e as pretensões mais urgentes das freguesias rurais, missão que algumas juntas têm olvidado bastante.

Iniciaremos no próximo domingo a publicação do Inquérito às Freguesias do Concelho, publicidade que prosseguirá pela ordem de chegada dos respectivos questionários.

King.

século XIII, não pode instalar os seus serviços em qualquer *arranha-céus* do actual movimento de arte arquitectónica. Precisa ter uma *Casa da Câmara* com expressão histórica, que se integre no Passado.

Acrescentarei:
 O Estado Novo que tanto se compraz, com judicioso senso político, em mergulhar o seu pensamento realizador nos fundamentos nacionalistas da génese portuguesa, seria o primeiro a lastimar que um Município

O TEU AMOR

O teu amor, meu Amor,
 foi um cigarro que ardeu;

foi um cigarro
 que tu fumaste mais eu.

Queimou-me os lábios com lume,
 embriagou-me
 com o ópio do ciúme.

... Ópio
 e ódio
 meu
 e teu.

O teu amor,
 foi um cigarro que ardeu:

teve o fogo da paixão,
 o fumo duma ilusão,
 mas tudo em breve morreu.

Tudo morreu... é verdade:
 já só tenho a recordação
 a cinza duma saudade.

Meu Amor!, o amor teu
 foi um cigarro que ardeu.

Merry.

Festas da Cidade

A Câmara Municipal, em sua sessão de quarta-feira última, resolveu nomear o Ex.º Sr. António José Pereira de Lima, antigo vereador Municipal, para, em representação do Município, presidir à Comissão Executiva das Festas da Cidade, no presente ano, escolhendo, para tal fim, os seus colaboradores.

De esperar é, pois, que a Comissão fique constituída em breve e que os trabalhos se possam iniciar dentro do próximo mês de Abril.

HUMILDADE

que Jesus Sacramento é o mais perfeito modelo, e se glorifique pelo amor, cuja fonte é o Augustíssimo Sacramento de nossos altares.

Humildade e amor — eis os dois sentimentos, que Jesus procurou inocular no coração do homem pela palavra e pelo exemplo. É que Ele conhecia, que, para levantar a humanidade do abismo, em que jazia, era necessário ensiná-la a ser humilde, é que Ele sabia, que para a reforma dessa mesma sociedade era necessário ensiná-la a amar. Humildade e amor são as duas pedras fundamentais sobre que Jesus edificou a sua Igreja, são os dois pontos capitais da sua doutrina incomparável. Humildade e amor são as duas virtudes, que Jesus sempre ensinou, quer nascendo num pobre albergue em Bethlem, quer morrendo numa cruz no cimo do Golgotha. A humildade e ao amor incita-nos constantemente o Augustíssimo Sacramento de nossos altares, porque ele é também o maior monumento da humildade

excelsa de Jesus, do amor infinito de Deus.

«Deliciae meae esse cum filiis hominum» — O meu prazer é estar com os homens. E quem sois vós, Senhor? E quem és tu, ó homem? — Jesus é o Filho de Deus, a quem na pátria celeste cercam os esplendores da glória, circundando-lhe a fronte a coroa imarcescível da sua infinita grandeza, recebendo louvores e homenagens da sua corte angélica, mas como muito amado se humilha; e por isso despe-se desses esplendores, oculta essa coroa, foge a esses louvores e homenagens e vem habitar entre os homens, pobre, esquecido, despedido!

Ora Jesus prégou sempre, na sua peregrinação pela terra a humildade. Sim, humilde num presépio, onde era coberto com os vestidos da pobreza; humilde, comendo o pão, que seu pai justativo ganhava, trabalhando; humilde, quando, ajoelhado diante dos seus discípulos, lhes lavava os pés; humilde,

quando, colocado entre malfiteiros, que o escarneciam, insultavam e lhe cuspiam nas faces, sofria tudo silenciosamente, resignadamente; humilde, quando, mofoando dele como dum insensato ou idiota, se calava; humilde, fugindo, quando o queriam fazer rei; humilde, apresentando-se, quando o queriam levar para o suplicio! Sempre humilde!

Contudo, nesse pobre berço, em que nasceu, ainda resplandece a sua divindade, quer nos hinos saídos de corações amantes, quer nos gritos saídos de corações raivosos; mais tarde Ele fala e os homens não podem reprimir um grito de espanto ao ouvir a sua voz, proclamando uma doutrina, até então nunca ouvida; Ele caminha, e as turbas, que em momentos de lucura o apedrejam, bem depressa o aclamam como filho de David, na Cruz, expirando, aclamam-no a natureza, com o seu luto, e o mesmo homem, confessando, que, quem morre, é em verdade o Filho de Deus. Jesus na sua vida terrena é um Deus humilhado, mas através da sua humildade ainda deixa ver alguns vislumbres do sol da sua divina grandeza.

Porém, no Augustíssimo Sacramento da Eucaristia, que vemos nós? Ali não se nos manifesta um só dos atributos de Deus. Naquela partícula oculta-se a eternidade, a omnipotência, a imensidade, o infinito!

Ali, humilde e pobre, está Aquele que semeou o céu de estrelas, que vestiu os planetas de luz, que adornou os campos de flores, que deu às aves voo, que deu aos homens a vida! Milagre... prodígio inaudito!

A inteligência orgulhosa, que perde o homem no Eden, que o perde hoje e o perderá sempre não pode compreender tão alto mistério, mas a virtude sublime da humildade, sujeitando a inteligência à luz brilhantíssima da fé, faz-lo prostrar-se em adoração profunda perante Aquele adorável Sacramento. E assim o homem amado por essa virtude sublime, que, longe de deprimir o seu espírito, lhe dá asas para voar às regiões do infinito, pode, acreditado na querença real de Jesus na Eucaristia, nas perfeições infinitas de Deus, conhecer, que Ele é a Beleza, a Verdade e o Bem, e, portanto, conseguir essa perfectibilidade, que constantemente aspira, perfectibilidade, que consiste na harmonia da sensibilidade com o belo, da inteligência com a verdade e da vontade com o bem.

(Excerto de um sermão do saudoso Padre Gaspar Roriz).

Era na véspera do grande dia da Redenção. Jesus Cristo e o Cordeiro pascal, representando no dia antiga aliança, celebra com seus discípulos a ceia de despedida. O seu coração generoso é abraçado pelas chamas dum amor intensíssimo; e (coisa admirável!) essa fôrnilha ardente do divino amor, parece que mais se inflama, que mais se aviva com os contínuos chuveiros, que sobre ela caem. Sim, embora se prepare uma tempestade horrível, para lhe tirar a vida — Jesus ama; embora o vendaval das paixões corra após Ele para o aniquilar, Jesus ama; embora no seu mesmo colégio apostólico se condense terrível uma nuvem, negra, como a tração abominável, como o crime e de cujo seio ha-de sair a maior infâmia, que o mundo presenciará, Jesus ama; embora um chuveiro de vícios ameace eclipsar aquele sol brilhantíssimo de paz e amor, Jesus ama.

Sim! Não obstante a ingratidão dos homens, os flagelos tormentosos, a cruz ignominiosa, que o esperavam, Jesus reúne os seus discípulos e diz-lhes: Tem sido grande o meu amor pelos homens — eu aos mortos dei vida e aos cegos dei luz; dei a palavra aos mudos e vigor aos paralisados; amanhã, morrendo, hei-de dar a todos

a vida eterna; deixarei à humanidade o ser que me tem sido mais caro na vida — minha Mãe; que me resta agora para vos dar? — Tomai... comei, isto é o meu corpo; tomai, bebei, este é o meu sangue. E ao mesmo discípulo, que daí a alguns momentos lhe daria o ósculo da traição para o vender, dá Jesus o ósculo do amor para o comprar, a esse mesmo discípulo, que em breve o havia de entregar à morte, dá Jesus o pão da vida! — Amou sempre, amou muito, mas lá no fim amou mais — «cum dilexisset suos... in finem dilexit eos».

Comei, isto é o meu corpo; bebei, este é o meu sangue! E não seja só para vós este banquete... estenda-se a todas as gerações, a todos os meus filhos, que hão de povoar a terra — «hoc facite in meam commemorationem». E o milagre altíssimo da transubstanciação tem-se repetido e repetir-se-á sempre até à consumação dos séculos, a toda a hora, em todo o lugar. Sim, Jesus está sempre e em toda a parte sob as espécies do pão e do vinho, verdadeiramente, realmente, substancialmente! Está... não para que seja maior a sua glória, porque nem ela é susceptível de aumento, porque é infinita, mas sim para que o homem se exalte pela humildade, de

antigo, com tradições, como o de Guimarães, se instalasse em *forum* modernista. O projecto aprovado em concurso de architectos, em 1914, satisfaz plenamente à condição histórica. Por si mesmo, pela sua arcada acolhedora; pela sua torre altaneira, medieval; pela majestade das suas linhas, os novos Paços do Concelho satisfazem à ideia dos monumentos típicos onde se acolhiam com os procuradores do Povo os *homens bons* para fazer vereações e audiências do seu governo local.

Por que investem, poderes estranhos, contra esse edificio inacabado—os Paços do Concelho?

O primeiro despacho que negou a esta obra municipal a comparticipação do Estado, foi, na realidade, a primeira tentativa do seu golpe de morte. Todas as divergências que em loquela jornalística, na terra, se observaram, não passariam de ligeira fervura discursiva, se não fosse essa formal recusa de comparticipação.

Mas foi-se mais longe. O próprio Município chegou a perder o seu direito de actuação. A vizinhança dos novos Paços do Concelho com o palácio dos Duques, restaurados, fez cair sobre a construção em referência uma espécie de embargo official.

As decantadas razões e meias razões de que o edificio dos novos Paços do Concelho, peca por... isto e mais aquilo, são disfarce. Subtilezas mal disfarçadas do *de-profundis*. Para que o mesmo edificio se arrede do lugar, desapareça, numa palavra, não estrague a perspectiva do seu vizinho altaneiro, tudo serviria.

A condenação—é sem remissão!

Porquanto, é fácil concluir: Se o edificio não tem âmbito para acomodar os serviços municipais, judiciais e de finanças—como não tem—limite-se, ao menos, a ser *Casa da Câmara*. E, para isto, não será preciso reunir em assembleia magna os architectos portugueses.

De outro reparo não há vulto que valha a pena pôr em testilha. Dado que, entre dois males, importa optar pelo menor, o menor dos males, na conjuntura, é—*acabar de erguer o edificio, para honra da terra!*

Considerar obra urgente e necessária o deitar abaixo aquilo que está feito, afigura-se-me erro—la dizer, maldade! Quem o tentar pôr por obra, pratica um erro administrativo.

Um dia tentei levar por diante a efectivação desta malaventurada obra municipal. Estando ao serviço da Vereação (Pelouro das Obras), chamei junto da construção—daquella pedraria contemplativa—o distinto Architecto que a traçou.

E disse-lhe:

—Importa sairmos da estagnação. Para que se não esteja uma vida inteira a discutir deficiências do edificio e erros da sua localização, vamos para diante com isto. Estude V. Ex.^a um projecto parcelar e respectivo orçamento, pelo qual vejamos avultar, com brevidade, o maior volume das paredes, por maneira a receberem a cobertura. Uma vez erguido, em toda a sua massa architectónica, o edificio,—ficando para mais tarde o pormenor—teremos balizado a tentativa dos insensatos arrasas.

E a planta e a estimativa solidadas, vieram. Outros maus ventos, porém, soprariam contra a malfadada obra, a despeito de, em seu início, a termos visto bemquerida e aplaudida por todos.

Duas dezenas de anos mais tarde, saídos da escola os novos panageristas do cimento armado, com outras matrizes de construção,—os velhos Mestres, com os seus velhos

Vária CONTRASTES!... FARPAS

Depois de uns dias de sol em pleno brilho de forte alegria, de temperatura, salvo as manhãs ou as noites ainda geosas, quase estival, o de hoje (quinta-feira) acordou amarfanhado de anemia biblosa em cinzento, mornoço e tonto, como se viesse de passar a noite no que os brasileiros chamam uma *farra*, na boémia estúrdia, a ouvir os rouxinóis em canto enamorado ao desabracho dos primeiros botões de rosa. E como vamos para Domingo de Ramos, naturalmente me faz lembrar que, na verdade, o dia de glorioso triunfo sempre foi e é o primeiro da expiação no martírio, no calvário da vida, até à morte, torturada, humilde, e hora crepuscular, donde, só então, novamente o espirito ressurge com o libertar-se. Aqui temos de nós tão perto, como o famoso e celebrado Dia da Vitória se converteu, afinal, no primeiro dia do mais íngreme calvário, que jamais a humanidade teve de subir e sofrer. Que a morte dos que se sacrificaram, iludidos, possa de novo reflorir em libertação e resgate desta enganosa paz, que é a mais ferina das guerras, e desta falsa tranquilidade, cheia das maiores intranquilidades e incertezas.

Semana Santa

«... Deuses patéticos, deuses sanguentos, deuses martirizados e ressurgidos, deuses pranteados pelos devotos, pela mãe, sobre as encostas do Libano, onde o lírio desabrocha, ou junto dos rios hiperbóreos que o inverno sempre e duramente castiga! Atis, Zagreus, Iamos e Penteu, eles tiveram a semana santa, o dó litúrgico, solenizados pelo povo fiel, segundo o ritmo das estações. No sensual Egito e na Síria ardente, de Mênfis a Babilos, de Ascala a Damos, o mistério da paixão, a descida aos infernos, e, para os homens, o regresso de seres sobre-humanos que atravessaram o espanto de Hades e as portas malditas, subjungando as Potências das Trevas, foram objecto de ritos piedosos, ora de espectáculos populares. Drama fundamental da antiguidade, Baco, o próprio Baco, representou no teatro a *pathémata* que sofrera, como, na casa de Cadmos, desconheciam a sua divindade e o fizeram prisioneiro: para afirmar o seu triunfo e sua palingénia eterna, conduziu, como boi ao altar, a morte irrisória e as tropelias do Citero nocturno, o rei blasfemo que negara o sangue dos deuses. *Prometeu desencadeado* do augural Escchilo, como desenlace, ignorado dos modernos, proclamava, sem dúvida, a libertação do Titan, no fim do martírio e da crucificação. Ao mesmo tempo, ensinava a estabilidade do direito, a imprescritível vitória da consciência humana sobre o capricho dos tiranos.

canons architectónicos, começaram de ser considerados por eles *botas de elástico*.—sob o ponto de vista architectónico—de ideias do passado e, por isso, os condenam. Os novos Paços do Concelho—construção parada há longos anos—são portadores Ora vá! Sejamos todos mais razoáveis. Talvez que, melhor pensando, haja vantagem em reconsiderar, não deitando por terra o que está feito. E porque não está *mal feito* nem merece a Arte, de todos requer uma actuação inteligente e prudente, sem deixar de ser imediata.

Porto. A. L. do Carvalho.

Argumentos e considerações

Continuam a ser lidos com muito interesse os artigos sobre os Paços do Concelho, da autoria de um colaborador do «Notícias de Guimarães». Perante os argumentos que já foram apresentados, só os verdadeiramente incrédulos poderão continuar a não fazer justiça ao Autor do respectivo projecto, quer quanto ao edificio, quer quanto ao local, onde o mesmo se encontra em estado já adiantado. Têm-se apresentado como principais motivos justificativos da demolição os seguintes: Que o edificio fica enterrado; que prejudica perspectivas, entre elas a do Paço dos Duques de Bragança; que é insuficiente para a instalação dos serviços a que se destina. Quanto aos dois primeiros motivos, os argumentos constantes dos artigos a que nos referimos parecem-nos suficientes para os destruir; quanto ao último motivo, já em tempos se provou o contrário e é natural que mais uma vez se negue essa afirmação. De resto, se até há quem tenha afirmado, publicamente, «*que o mesmo edificio deveria ter sido concluido, mas uma vez que o não foi não se justifica a sua conclusão*», isso leva-nos a crer que certos adeptos da demolição vêem a questão através de um prisma invertido e, portanto, sem lógica e sem argumentos que devam ser tomados em consideração. O mesmo acontece a quem pretende transformar em questão política a discussão do assunto em referência, visto que essa questão nada tem com o bairrismo dos vimezanenses amantes do progresso da sua terra. Pretender a conclusão do edificio por uma simples questão política? Pretender a sua demolição pela mesma razão? Em qualquer dos casos, fazemos justiça a uns e a outros e entendemos que quem afirmar semelhante coisa ou o faz com reserva e oculta intenção ou, então, deseja ser mais *Papista do que o Papa*. Nem aos vimezanenses com responsabilidades no passado nem aos vimezanenses com responsabilidades no presente se deverá atribuir semelhante atitude. Estamos convencidos de que uns e outros seriam incapazes de enveredar por tal caminho, porque, entre a união de todos para a prosperidade da cidade e concelho e as contentas políticas, nenhum bom vimezanense deixará de se cobrir com a mesma bandeira— a bandeira das suas justas aspirações bairristas, sob a qual há um único ideal a defender. Esse ideal é o da união de todos em benefício do bem de todos! E haverá, por ventura,

... Hércules, Prometeu, Adónis, eram apenas vítimas. Jesus, entre esses deuses, é o primeiro mártir. Uma semana de agonia consumou a obra da Redenção. De sua entrada em Jerusalem, entre vivas e palmas, até à crise final, debaixo das oliveiras de Gétsemã, da ceia de despedida ao pretório de Pilatos, o filho do carpinteiro viveu o drama salutar. E os dias memorativos de sua paixão ficam sob o nome de «semana santa». Fixam a data escolhida entre todas, pelas civilizações modernas, para celebrar a Páscoa, festa da mocidade, da ressurreição e da esperança. A Páscoa— a *Peçah* ou «passagem dos Hebreus»—é assim para as raças indo-europeias o dia bem-vindo da passagem, na ordem moral e na ordem física, tanto como na ordem civil, passagem do inverno à primavera, da infância à puberdade, da ignorância à cultura intelectual, das trevas à luz. ... —(*Le vrai Mystère de la Passion*, por Laurent Tailhade).

vimezanenses que não pensam assim? E' de crer que sim, mas o que é certo é que a conclusão do edificio dos Paços do Concelho é uma daquelas aspirações!

Feriados Nacionais

Na Assembleia Nacional, terminou a discussão sobre feriados nacionais, ficando desde já incluído nesse número o dia da Imaculada Conceição, 8 de Dezembro. Quanto aos restantes dias santos, a Santa Sé e o Governo entender-se-ão no respeitante àqueles que deverão ser considerados como tais. Com o devido respeito por quem não pensa como nós, achamos que o facto de considerar feriados nacionais os dias santos está de harmonia com o próprio sentimento católico da Nação e não abala o prestígio do regime. Em referência aos outros dias já considerados feriados, mereceram especial atenção as considerações feitas pelo digno Deputado Sr. Botelho Moniz, quando interveio na discussão do assunto. Sua Ex.^a, sempre incapaz de atraiçoar o seu pensamento, como o tem demonstrado em diferentes emergências da sua vida, mais uma vez dignificou o seu carácter e a sua consciência. São assim os Homens de insuspeitas atitudes!

Mais uma Cantina

Por iniciativa do illustre Chefe do Distrito, vai principiar a funcionar, dentro de breves dias, a Cantina da L. P., a qual, segundo nos informam, fica condignamente instalada. Defensores, como somos, de todas as iniciativas de que resultem benefícios para os necessitados, não nos poderia passar despercebido esse facto. Seria, pois, mais uma obra de assistência a juntar a muitas outras já existentes em Guimarães, um dos concelhos do distrito onde mais e melhores cuidados têm sido dispensados ao problema da Assistência pública. Congratulámo-nos com isso.

Pobres, muitos pobres!

No último domingo, a cidade foi invadida por uma multidão de mendigos, entre os quais muitas crianças. Como de costume, quase todos de fora do concelho. Foi pena que a ausência da policia lhes proporcionasse a sua impertinente *pedinçhice*, quer nas ruas, quer mesmo nos cafés, sobretudo nesse dia em que a Procissão de Passos e o futebol chamaram muita gente a Guimarães. E' motivo para se dizer: Pouca sorte e pouco caso!...

Dr. Nuno Simões

Na passada quarta-feira estive nesta cidade o nosso querido Amigo e distinto Escriitor Sr. Dr. Nuno Simões, a quem tivemos o prazer de cumprimentar.

Officinas de S. José

As Officinas de S. José estiveram em festa no dia do seu glorioso Patrono. Houve, de manhã e à tarde, na Capela, diversos actos de culto a que assistiram os rapaziños e muitos fiéis. Durante a tarde o amplo e modelar estabelecimento de Assistência esteve à disposição do publico, tendo-se realizado no decorrer da visita o sorteio de valiosos prémios, em favor daquela Instituição. A abrir a sessão, que teve uma assistência numerosa e selecta, Monseñor Domingos Gonçalves teve palavras de louvor e de agradecimento para todas as pessoas que áquelas Officinas de S. José têm dado o seu valioso auxilio em prol de tantos rapaziños que ali são preparados para a vida.

Atenção à 4.ª página

Resta um dia! Mais um passo... Vergado pelo cansaço E p'los desgostos da vida, Vais, neste tempo que encanta, Entrar na SEMANA SANTA — A semana dolorida!

Vou lembrar-te — tem paciência — Que essa tua consciência Precisa de ser lavada... Podes crer que estás isento Se foste sempre avaro E aos pobres não deste nada?

Se tens um carro, um motor, Já reparaste na dor, De quem trilha, a pé, caminhos? Em centenas de irmãos teus Que só com o «vd com Deus» Já julgas dar-lhes carinhos?

Tu já viste um teu caseiro Amealhar o dinheiro, Passar fome, muita vez, Para te pagar de renda Do que nunca foi vivenda Oitenta escudos por mês?

Uma mãe, quase demente, Por ver um filho doente E não o poder salvar, Só por que o receituário Carece do necessário Do supérfluo do teu lar?

Se isto te serve, não mintas: Já viste às bocas famintas Das que não sabem pedir, Fazer falta uma quantia Do que gastas na orgia Com quem te sabe mentir?

Não falas? Ficaste mudo? Sim, tu já viste disto tudo E mais coisas que eu não digo... Mas repetes, em bom treino: «Venha a nós o Vosso Reino»... O resto... não é contigo!

E se a nossa juventude Pratica o bem, a virtude, Tu nunca lhe dás razão. Pra não seres só tu, na vida, Uma alma apodrecida... Um nojento *imoralão!*

Deixa o erro! Ama a verdade! Foge hoje da tempestade Dum diabólico instante! Levanta-te! E' tempo ainda! Lá vem um dia em que finda A tua vida de errante!...

Darmoa.

Majestosa Procissão de Passos

Com um formoso dia de sol, realizou-se, no domingo, nesta cidade, com grande esplendor, a majestosa Procissão de Passos, que aqui atraiu, como é costume, muitos milhares de forasteiros e que ao fim da tarde começou a desfilar pelas ruas, por entre extensas e compactas alas de populares.

Nela se incorporaram as Irmandades do Senhor dos Passos e da Misericórdia, com larga representação de irmãos, o Seminário da Costa e o clero da cidade, assim como um elevado e bem posto figurado alegórico.

Presidiu ao imponente préstito o Rev. Vigário Geral da Diocese, Monseñor Peixoto Cunha e abrilhantou a procissão a Banda dos B. Voluntários de Guimarães.

A Procissão recolheu bastante tarde — já era noite cerrada — mas teve sempre a presença-la, em todas as ruas do trajecto, uma grande multidão de pessoas que assistia respectivamente à sua passagem, ajoelhando em frente das formosíssimas Imagens do Senhor dos Passos e da Senhora da Soledade.

Para finalizar esta breve notícia, faremos dois comentários bastante ligeiros: — Os Passos das ruas estavam este ano em grande estado de abandono. Se em outros anos — e nós já aqui lavramos contra isso o nosso protesto — revelavam *pelintrice* de decoração, este ano... mais valia conservá-los fechados.

O policiamento durante a procissão e nas ruas por onde esta passou, foi simplesmente deficiente.

Interesses da Penha

Desde há muito que é motivo de preocupação e conversa a falta de meios de transporte para a nossa formosíssima Penha.

Sabemos que os vimezanenses incumbidos de zelar e acarinharem esta estância, não têm descurado este assunto, teutando remover as dificuldades que, uma após outra, vão surgindo.

Mas, ainda que muito em breve, se possa ver a cidade em comunicação constante com o alto da montanha por um serviço de transporte cómodo e económico, sempre haverá quem tenha necessidade de ir a pé lá acima ou quem isso prefira.

O povo é amante da beleza, do ar livre, da jovialidade comunicativa que se disfruta em «parceirada» que passeia, mas utilizando as pernas, sentindo o valor do esforço.

E este escolheu o caminho mais curto que o levasse ao cimo, e não só o mais curto, mas também aquele em que a extensão do horizonte e a bele-

za da paisagem vão crescendo a par da ascensão.

Numa delimitação da liberdade de escolher, num ou noutro ponto foi conduzido para caminho que lhe foi imposto. Não sem protestos o aceitou. Ainda assim não era demasiado ferido o seu interesse.

Ultimamente, porém, em dois sitios, o seu caminho, cuidado já pela Comissão de Iniciativa do Local da Penha, lhe foi cortado. E agora, sim, estes cortes obrigam a uma volta grande, a maior esforço, a maior perda de tempo. Poderão indicar-lhe outro caminho, mas talvez por sítio mais feio, roubando-lhe a comunhão constante que mantém com a sua cidade cá em baixo, aconchegada e cada vez mais pequenina e a Penha, sempre em frente, a entusiasmar e a dar alento para a alegre escalada.

Não; os caminhos do campo e dos montes foi o povo que os escolheu sem necessidade do parecer da engenharia, e nunca foi despresada a economia de tempo e esforço nem a beleza do trajecto.

Não se consinta que seja dado mais este golpe nos interesses de quem vai ou vem a pé, e nos interesses também de um dos mais belos locais de turismo de Portugal.

Aqui fica o nosso o apelo que vem renovar o que há oito dias foi firmado. Revindicando um direito, ou expropriando o pedaço vedado, é necessário que aquele caminho fique pertença dos que o trilham, para interesse, afinal, de todos.

Vida Católica

Semana Santa

Vão realizar-se nos templos da Cidade, embora revestidas de simplicidade, as tocantes cerimónias da Semana Santa, em comemoração do Drama do Calvário.

No templo da Colegiada e devido a certas dificuldades que surgiram, não poderão realizar-se as solenidades com a imponentia de outros anos, pelo que haverá apenas alguns actos em Quinta e Sexta-feira Santa.

Neste e em todos os outros templos, em Quinta-Feira Maior, haverá Exposição Eucarística.

Procissão de Endoenças — A Procissão de Endoenças, promovida pela Mesa da Misericórdia e que sairá, como de costume, da sua Igreja, efectuar-se-á pelas 20 horas de Quinta-Feira Maior, visitando todos os templos da Cidade, que nessa noite e na forma dos demais anos se conservarão abertos.

Procissão do Entêrro do Senhor — A Procissão do Entêrro, este ano levada a efeito devido à iniciativa de uma comissão de vimezanenses composta pelos Srs. Alfredo Barbosa, José de Freitas e Serafim da Rocha, sairá do templo dos Santos Passos, pelas 21 horas de Sexta-Feira Santa, percorrendo o seguinte itinerário: Largo da República do Brasil, Largo 1.º de Maio, Largo da Oliveira, Rua da Rainha, Toural, Largo 28 de Maio e Rua de S. Dâmaso, recolhendo ao mesmo tempo onde, seguidamente, haverá o Sermão da Soledade, que foi confiado ao distinto orador sacro Rev. Celestino Ramos de Gouve (Douro).

Festividade das Dores — Na Capela da V. O. T. de S. Francisco, realizou-se, ontem, na forma dos anos transactos, a solenidade em honra de Nossa Senhora das Dores em que foi orador o talentoso Reitor da Freguesia de Serzedillo, Rev. Joaquim de Almeida Ferreira da Silva, que, com muita eloquencia, nos falou das dores de Maria Santíssima e do Drama do Calvário, tendo a escutá-lo um numeroso e selecto auditorio.

O altar da Virgem estava mimosamente decorado com formosas flores e muitas pratas e o templo ostentava luxuosa decoração.

Litografia Portugal

Da importante Litografia Portugal, com sede em Lisboa, recebemos um vistoso calendário para o ano corrente, o que agradecemos.

TRABALHOS
em todos os géneros

Execução a preto e cor perfelta e rápida

Minerva Vimezanense

Propriedade em Guimarães

Vende-se uma, sita a cerca de três quilómetros de Guimarães e junto à estrada Guimarães-Braga. Tem casas de senhoria e caseiro e compõe-se de lavradia e bastante bravio. Paga sete carros de medidas (renda antiga) e produz em média 13 pipas de vinho. Para ver e informações, dirigir-se a Manuel Marques Guimarães, Lameira — Qualtar — Braga.

FUTEBOL

O Vitória bateu o Estoril por 2-1

Animada esteve a partida que se disputou domingo passado no campo da Amorosa entre o Vitória e o Estoril, nada lhe tendo faltado para ser classificada como autêntica luta de campeonato. Na verdade, os grupos fizeram tudo quanto lhes foi possível para a conquista do triunfo, o qual veio a decidir-se a favor dos vimezanenses, e não poderá dizer-se que injustamente. Não se impôs o jogo desenvolvido por grandes primores de técnica, é certo, mas teve o condão de manter os assistentes presos de emotiva ansiedade desde o primeiro ao último minuto, estado de espírito esse que o árbitro caprichou por manter durante seis minutos mais do que o tempo estabelecido para a duração do encontro, vendendo-se ambas as formações *puxarem* o mais que lhes foi possível para se sobrelevar uma à outra.

Do lado dos visitantes notou-se, durante todo o encontro, fio de jogo mais bem urdido, revelador de melhor afinação de conjunto, mas nunca essa vantagem de ordem técnica foi tão marcante que pudesse superar o entusiástico esforço dos vimezanenses para a conquista de um triunfo que os rehabilitasse dos sucessivos desaires sofridos.

Pode dizer-se, e é verdade, que o primeiro tento de Miguel foi de validação discutível, o que não obsta a que se possa considerar merecido o triunfo dos locais, pois a vontade que sempre os animou, levou-os mais vezes à baliza do adversário do que este à sua. E mais longe iriam as coisas se aquele formidável remate de Franclim, dois minutos após o tento de Miguel, tivesse mais feliz defecho e ainda se na defesa do Estoril não estivesse um Elói em tarde de grande inspiração, merecendo as honras de ser considerado o melhor homem no terreno.

Neste encontro o Vitória demonstrou mais uma vez que o querer é poder, pois não se deixou impressionar nem pela fama do seu adversário nem pelo valor que na verdade ele possui, ripostando-lhe valorosamente durante todo o tempo. Se sempre assim tivesse procedido, se o tivesse animado sempre tal vontade, com certeza que a sua posição na prova seria mais *desafogada*, mais de harmonia com o seu real valor. Certo é que no jogo de domingo a equipe — bem longe ainda do seu melhor — apresentou-se já com os jogadores nos seus devidos lugares, o que ultimamente não se vinha verificando, pois andavam os interiores a extremos e vice-versa, não sabemos porque motivo. Além disso, a reparação de Machado, que continua a afirmar-se um real valor entre os melhores guardanets que andam na prova, inspirando verdadeira e justificada confiança aos companheiros, e o aparecimento de Armando

— um dos tais novos que vinha envelhecendo... *na bancada* e que teve comportamento muito promissor — contribuíram bastante para o excelente resultado que se verificou.

A primeira parte terminou com os grupos empatados a uma bola, sendo a do Vitória obtida por Miguel, aos 15 minutos, e a do Estoril, aos 36, por Lourenço.

Na segunda metade do encontro Rebelo apontou o ponto que deu o triunfo ao seu grupo, aos 26 minutos, devendo-se a Briosso o mérito da preparação que o tornou possível.

Aos 38 minutos, com o Vitória em vencedor, o avançado-centro estorilense, Mota, agrediu Costa, defesa do Vitória, motivo por que aquele recebeu do árbitro ordem de expulsão do terreno. O jogador alvi-negro, com físico e *sanha* para se desforçar, decidiu, desportivamente, *ficar-se*...

Parabéns ao Costa.

Imperfeita a arbitragem de Mateus Soares, do Porto.

Os grupos:

Vitória — Machado, Ferreira, Costa, Armando, Curado, Luciano, Franclim, Rebelo, Briosso, Miguel e Alcino.

Estoril — Laranjeira, Pereira, Elói, Luciano, Fragateiro, Alberto, Lourenço, Gonzaga, Mota, Vieira e Raúl Silva.

J. G. F.

O Concerto dos Pequenos Cantores de Viena

(Wiener Sangerknaben)

Na quinta-feira passada, e organizado pelo Comité de Socorro à Áustria da Cruz Vermelha Portuguesa, patrocinado pelo "Diário de Notícias", teve lugar, no nosso Teatro Jordão, o concerto dos Pequenos Cantores de Viena, sob a magistral direcção do maestro, Professor Haymo Tauember.

Respirar o dizer das impressões que tal concerto nos deixou — dada a circunstância do conjunto de 22 miúdos apenas —, o mesmo será que incensar o aturado trabalho do ilustre Professor e marcar, *in albo lapillo*, uma das melhores audições a que temos assistido, neste género de corais.

É que, na verdade, os pequenos cantores de Viena comportaram-se brilhantemente e delectaram a assistência pela harmonia do conjunto e beleza dos números apresentados.

A primeira parte foi preenchida por música de carácter religioso e obteve aquele êxito a que sempre estão destinadas as audições da música sacra.

A segunda, merece especial referência pela ópera-cômica representada e valor histórico de alguns dos seus intérpretes.

A terceira e última parte foi valorizada pela delicadeza de várias canções em que os solistas sobressaíram.

Como números extra-programa foram cantados o "Danúbio Azul", "Ave-Maria", de Schubert e a "Portuguesa", que a assistência ouviu de pé e religiosamente.

Todos os números foram calorosamente aplaudidos, lamentando-se apenas que a passagem da casa não fosse trabalhada de modo a satisfazer o simpático e humanitário fim em vista.

Como números extra-programa foram cantados o "Danúbio Azul", "Ave-Maria", de Schubert e a "Portuguesa", que a assistência ouviu de pé e religiosamente.

Todos os números foram calorosamente aplaudidos, lamentando-se apenas que a passagem da casa não fosse trabalhada de modo a satisfazer o simpático e humanitário fim em vista.

Como números extra-programa foram cantados o "Danúbio Azul", "Ave-Maria", de Schubert e a "Portuguesa", que a assistência ouviu de pé e religiosamente.

Todos os números foram calorosamente aplaudidos, lamentando-se apenas que a passagem da casa não fosse trabalhada de modo a satisfazer o simpático e humanitário fim em vista.

O 71.º Aniversário da Fundação da Associação Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães

Expressivas homenagens à Corporação e ao seu 1.º Comandante, Prof. José Luís do Pina.

Na pretérita sexta-feira, dia de S. José, comemorou-se mais um aniversário da fundação da Ass. Humanitária dos Bombeiros Voluntários de Guimarães — instituição que honra de sobremaneira a nossa vetusta cidade e que, através os tempos, tem merecido a consideração e o respeito de todos os vimezanenses.

Acontecimento que, à primeira vista poderá considerar-se como vulgar, teve a assinalá-lo, no presente ano, expressivas homenagens que calaram fundo nos corações de todos quantos se orgulham e se ufam da existência desta benemerente instituição, e a que não podemos ficar indiferentes por partirmos da "Liga dos Bombeiros Portugueses", e da Ex.ª Câmara Municipal, a que muito distintamente preside o habilitado Clínico e dedicado vimezanense, Sr. Dr. Augusto Ferreira da Cunha.

A primeira — a *Liga dos Bombeiros Portugueses* —, enviou um seu delegado para fazer a imposição das suas mais altas insígnias à Corporação e seu 1.º Comandante, em testemunho do subido apreço em que considera a nobilíssima acção dos nossos *Bombeiros*.

A segunda — a Ex.ª Câmara Municipal de Guimarães —, perfilhando a sugestão da digna Direcção do "Sind. Nacional dos Caixeiros — Secção de Guimarães", procurou prestar inteira justiça a um cidadão que, como pedagogo, investigador, artista e bombeiro, se tem revelado um alto espírito de isenção e um vimezanense às direitas.

E, diga-se de passagem: — o Professor, Sr. José Luís do Pina, não é a vulgaridade em pessoa. Ele consubstancia a integridade de carácter que não pretende impor-se; o vimezanense amantíssimo da sua Terra que, alquebrado já e um pouco vergado ao peso dos anos, nunca se negou a servi-la ou defendê-la; o artista que a tem condignamente representado na sua arte de desenhador ou de investigador arqueológico; e, finalmente, o pioneiro duma causa Santa — a causa da Humanidade —, que, em 57 anos, defendeu pela sua assídua persistência e aturada vigiância.

Nada se nos deparou, portanto, mais justo que as homenagens tributadas.

O valor das colectividades e, bem assim, o valor da existência dum Homem, não podem aquilatar-se pelo que representem de individualismos.

Tanto umas como os outros, são fruto da vontade colectiva que é, e acima de tudo, a noosa razão de ser e a certeza da beleza da alegria de viver.

Apraz-nos, por isso, a este pequeno preâmbulo a notícia que, a seguir, vai dar-se.

Depois da cerimónia religiosa, realizada na Basílica de S. Pedro — a que presidiu o Rev. Capelão, João Lindoso de Bourbon —, na formatura na sede, quatro bombeiros foram condecorados com as medalhas de bom e efectivo serviço, prestados durante 5 anos, os n.ºs 21, 25, 32 37, que, comovidamente, o 1.º Comandante abraçou num gesto de viva simpatia.

Depois, o digníssimo delegado da "Liga dos Bombeiros Portugueses", e 1.º Comandante dos Bombeiros Voluntários de Fafe, Sr. Mário Nogueira Mendes, anunciou as condecorações instituídas por aquela Liga à Corporação e seu 1.º Comandante — o que foi feito ao toque do terno de clarins e com vivos aplausos do Corpo Activo e assistentes. O Professor, Sr. José de Pina, agradeceu a homenagem que, não a si, mas à Corporação acabava de ser prestada e só pedia a Deus lhe concedesse mais dilatados dias de vida para poder continuar a servir à Corporação que é o amor desvanecido dos vimezanenses.

O ilustre Vice-Presidente da Câmara Municipal, Sr. Dr. Augusto Ferreira

Apeadeiro em Infias

Acerca da instalação dum apeadeiro em Santa Maria de Infias, junto de Atim, na estrada que vai de Guimarães a Vizela, foi entregue uma numerosa representação à C. P., incluindo os nomes principais de todos os paroquianos desta ridente localidade.

Reina muito interesse em toda a região, esperando-se que a C. P. muito em breve defira uma tão justa aspiração, que muito vem contribuir para melhorar o tráfego ferroviário entre Vizela e Guimarães, sede do concelho.

O «Notícias de Guimarães» associa-se a este melhoramento local, estando sempre ao lado de todas as aspirações que digam respeito aos interesses do concelho de Guimarães.

TEMPLO QUE REABRIU AO PÚBLICO

Depois de passar por importantes obras, foi reaberto ao culto o templo paroquial da freguesia de S. Miguel de Creixomil, tendo-se ali realizado no decorrer da semana finda uma Missão Religiosa que concluiu em dia de S. José com imponentes solenidades a que veio propositadamente assistir S. Ex.ª Rev.ª o Senhor Arcebispo Primaz, D. António Bento Martins Júnior.

O Venerando Prelado foi recebido festivamente no limite da freguesia,

da Cunha, anunciou que a Câmara Municipal da sua Presidência, havia aprovado a concessão da *Medalha da Cidade* ao 1.º Comandante, lamentando que a exiguidade do tempo não lhe permitisse, naquela Casa e hora, fazê-lo como a Liga o havia feito. Todavia — continuou S. Ex.ª —, muitas oportunidades se oferecerão para o cumprimento desta deliberação camarária e, licenciosamente, pede para abraçar o Professor e Amigo em nome da Cidade e Concelho.

Uma estrondosa salva de palmas abafou as últimas palavras do ilustre Vice-Presidente da Câmara.

Em seguida, reuniu a Assembleia Geral da Associação que, por unanimidade, votou a reeleição da direcção transacta, a que muito dignamente preside o nosso prezado Amigo e considerado médico, Ex.ª Sr. Dr. João de Mota Prego de Faria. Imediatamente depois, foram descerrados os retratos dos saudosos Dr. Roberto de Carvalho, Patrão José Crisóstomo da Silva Bastos e o da direcção reeleita.

Todos estes actos foram sublinhados com estridentes ovações.

Parabéns aos Bombeiros e a Guimarães!

Boletim Elegante

Aniversários natalícios

Fazem anos:

No dia 24, os nossos prezados amigos srs. Francisco Laranjeiro dos Reis e António Maria dos Santos Martins, conceituado comerciante no Porto e a sr.ª D. Maria Emilia Cardoso Dias de Castro Freitas; no dia 25, a sr.ª D. Maria Celeste Rebelo Montevede; no dia 27, a sr.ª D. Maria Eduarda Oliveira Bastos; no dia 28, a sr.ª D. Ana da Costa Barros.

«Notícias de Guimarães», apresenta-lhes os melhores cumprimentos de felicitações.

Nascimento

No passado dia 16 deu à luz uma criança do sexo feminino a sr.ª D. Maria Amélia Dias de Castro Fernandes Santos, esposa do nosso bom amigo sr. Dr. Júlio Carlos Gomes dos Santos, Delegado do Procurador da República na Comarca de Fafe. Mãe e filha estão bem. Parabéns.

Doentes

Continuam doentes os nossos prezados amigos srs. P.º Hordício Pereira da Silva, P.º Joaquim Novais e P.º Henrique J. Gonçalves Pereira.

— Esteve doente mas já se encontra restabelecido o nosso bom amigo sr. Alberto Teixeira Carneiro.

— Também tem passado doente a esposa do nosso prezado amigo sr. Adelino Pereira da Cunha.

Desejamos a todos os doentes o mais breve e completo restabelecimento.

— Depois de algum tempo de ausência, afim de tratar da sua saúde, regressou a casa de seus pais, em vias de completo restabelecimento, a gentil menina Maria Margarida Simões de Sousa Menezes, filha do nosso querido amigo Prof. P.º Mário de Sousa Menezes e da sr.ª D. Maria da Natividade Simões Menezes.

— Vimos já completamente restabelecido o nosso querido amigo e ilustrado sacerdote sr. Cônego Alberto da Silva Vasconcelos.

Partidas e chegadas

Estiveram em Lisboa os nossos prezados amigos srs. António Emilio da Costa Ribeiro e Dr. Jorge da Costa Antunes.

— Tem estado em Lisboa o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior, Comandante do Batalhão 13 da Legião Portuguesa.

FALECIMENTOS e SUFRÁGIOS

António Augusto Martins Leite

Após prolongados e cruciantes sofrimentos e confortado com todos os Sacramentos da Santa Madre Igreja, finou-se na terça-feira de manhã, na sua residência ao Largo 28 de Maio, o nosso amigo sr. António Augusto Martins Leite, activo empregado comercial, que contava apenas 22 anos de idade e era muito estimado no nosso meio pela sua educação e dotes de trabalho.

O extinto era filho do saudoso vimezanense sr. Luís Gonzaga Leite e da sr.ª D. Maria José Martins Leite, irmão dos srs. Fernando, José e Luís Martins de Freitas e da sr.ª D. Maria Preciosa Martins Leite Pereira, casada com o médico sr. Dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira, e sobrinho dos nossos bons amigos srs. António Faria Martins e José Faria Martins Leite e das esposas dos nossos bons amigos srs. Dr. Armando Teixeira de Faria, Adelino Gaspar da Silva e Luís Teixeira de Carvalho.

O seu funeral, que constituiu uma significativa manifestação de saudade, efectuou-se na quarta-feira às 11 horas no templo de S. Francisco, onde, perante uma assistência numerosa e selecta, foi rezada a missa de

Teatro Jordão

HOJE, às 15 e às 21 horas

APRESENTA:

O maior êxito festivo de todos os tempos:

O HOMEM DAS 7 VIDAS

O maior cómico de todos os tempos — Danny Kaye

Quarta-feira, 24, às 21 horas:

Genial desempenho de OLIVIA DE HAVILLAND em

O Espelho da Alma

em dupla interpretação e TOMAZ MITCHELL

BREVEMENTE: BLAS WILSON e AMPARITO SANTILLO no mais sensacional espectáculo observado no estrangeiro

União em Portugal! Revista estilo americano!

Casa Oliveira & Silva, Sucr.

Tecidos de Novidade

Lãs - Sedas - Algodão

Vinho Verde

Branco e Tinto em Garrafas das famosas Caves "MONTA-NHEZ", de Caloricó de Basto.

Garraão de 5 litros «Montanhez», Branco 17\$50
Garraão de 5 litros «Montanhez», Tinto 15\$00
Garraão de 5 litros «Quinta da Torre», Tinto 12\$50

DEPOSITÁRIO EM GUIMARÃES:

RODRIGO FERNANDES ABREU
L. República do Brasil, 12.

corpo presente e os officios de sepultura.

Findos esses actos fúnebres, o cadáver foi removido em auto-funeario para o cemitério de Atouguia, onde ficou inhumado em jazigo de família.

No préstito encorporaram-se muitos automóveis que conduziam pessoas das relações do extinto e da família dorida.

O Sindicato N. dos Caixeiros, de que o extinto era sócio e que em sinal de luto colocou a meia adriça a bandeira na sua sede, fez-se representar no funeral e cobriu com o seu estandarte o féretro.

A chave do caixão foi entregue ao sr. Domingos Mendes Fernandes, que representava seu cunhado o sr. Comendador Alberto Pimenta Machado.

Também estavam representados o cunhado do extinto sr. Dr. Francisco Joaquim de Freitas Pereira, que está ausente em Coimbra, por seu tio o Prof. sr. Mário de Sousa Menezes e o nosso jornal pelo seu director.

Sobre a urna que encerrava os restos mortais do pranteado manchebo foram depositos muitos ramos de formosas flores com sentidas dedicatórias.

A toda a família dorida apresentamos condolências.

D. Delfina Rosa da Silva Ferreira

Em casa de seu sobrinho o sr. Manuel da Cunha Ferreira, à Avenida D. Afonso Henriques, finou-se com 83 anos a sr.ª D. Delfina Rosa da Silva Azevedo, tia dos srs. Manuel da Cunha Ferreira e António de Azevedo Ferreira e da esposa do sr. António Carvalho, irmã do saudoso P.º José António da Silva Azevedo, que foi Abade da Freguesia de Burgães — Santo Tirso.

O seu funeral foi muito concorrido.

A família dorida apresentamos condolências.

De luto

Pelo falecimento de uma sua tia, ocorrido há dias em Braga, encontra-se de luto o nosso prezado amigo e distinto médico-dentista nesta cidade, Sr. Dr. Alvaro Carvalho, a quem apresentamos sentidos pésames.

Diversas Notícias

Banda dos Guises

Passa no dia 25 do corrente o 45.º aniversário sobre a fundação da Banda dos Guises.

Atendendo às solenidades daquela dia, as comemorações no corrente ano têm lugar no dia 28, com arruada pela Banda, cumprimentos às autoridades e imprensa, e missa por alma dos fundadores e componentes falecidos, às 11 horas, na igreja de S. Pedro.

Abastecimento de águas

O abastecimento de águas à cidade de Guimarães importa em 7.752 contos e o metro cúbico será fixado no preço de 2\$00.

Serviço de Farmácias

Hoje, domingo, está de serviço permanente a Farmácia Dias Machado, Rua da República.

Tribunal Judicial

Em Tribunal Colectivo respondeu Maria Pereira de Sousa, solteira, maior, criada de servir, da Rua Padre António Caldas, acusada de crime grave, sendo condenada em 18 meses de prisão correccional e 20\$00 de imposto de Justiça.

Licenças camararias

Os individuos ou firmas que na área deste concelho exerçam comércio ou indústria, devem solicitar as respectivas licenças camararias durante o mês de Abril, na Secretaria Municipal, em impresso próprio fornecido pela mesma Secretaria, ao qual juntarão a licença anterior, a apólice e recibo de seguro, se o tiverem efectuado, o alvará sanitário, se a este estiverem sujeitos e o conhecimento da contribuição industrial paga ao Estado.

Os transgressores serão punidos de conformidade com o Código de Posturas Municipais.

Desordem

Na madrugada do dia 16 envolveram-se em desordem no Largo 28 de Maio uns individuos que chegaram a partir o vidro de uma montra do estabelecimento da firma João Gualdino Pereira, Sucrs.

A Polícia interveio e capturou os desordeiros.

Abastecimento do Concelho

Segundo nos informa a Delegação da I. G. dos A., está concluída a distribuição de géneros de mercearia referente ao mês de Março corrente, neste Concelho, com as seguintes capitações:

Grupo A (Urbanos): Arroz, 0,750 grs.; Açúcar, 0,700; Sabão, 0,200; Azeite, 0,8 dcl.

Grupo B (Rurais): Arroz, 0,750 grs.; Açúcar, 0,250; Sabão, 0,200; Azeite, 0,8 dcl.

Homenagem à memória de Leonardo Coimbra

A Comissão Organizadora do «In-Memoria» a Leonardo Coimbra, com sede na Rua de Augusto Gil, 3q 2.º Esq., em Lisboa, recebeu já dezenas de artigos e ensaios, assinados por alguns dos nomes mais valiosos da cultura portuguesa. Desejando, porém, encerrar os trabalhos preparatórios da edição, — o que fará no prazo de um mês, — a Comissão solicita, a todos os admiradores do grande pensador português, que porventura não queiram deixar de colaborar neste acto de pública homenagem, o favor de lhe enviarem sem maior demora os respectivos originais.

Anunciar no

«Notícias de Guimarães» é fazer uma boa propaganda.

Sociedade Martins Sarmento

Em Assembleia Geral desta benemerita e prestimosa Instituição cultural, ultimamente realizada, foi reeleita a mesma Direcção para o ano social de 1948-1949, assim composta:

Effectivos — Alberto Alves Vieira Braga, Alberto Costa, Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha (Dr.), Eleuterio Martins Fernandes (Engenheiro), José Maria Pereira de Castro Ferreira (Dr.), Manuel Alves de Oliveira, Mário de Vasconcelos Cardoso (Coronel).

Substitutos — António Silvio da Silva Fernandes (Professor), Casimiro Martins Fernandes, Eduardo de Almeida (Advogado), Francisco Pereira Mendes, João Afonso de Almeida (Dr.), José Luís de Pina, José Maria Ribeiro de Moura Machado (Professor).

Lêde e assinaí o

«Notícias de Guimarães»

Os Paços do Concelho

Continuação

damentar a negação do subsídio do Estado que havia sido solicitado.

Examinemo-las; porém, repetimo-lo, somente pelo facto de poderem servir de justificação para os depreciadores de officio, que aparecem, infelizmente, sempre que se empreenda qualquer coisa de belo e grandioso em que, por acaso, preguiça ou por inaptidão, não tenham colaborado.

Só por esse facto, porque pela circunstância de terem servido de fundamento à recusa da comparticipação do Estado, isso nada importa; ao Estado assiste o direito de recusar a comparticipação em determinado momento, como de a conceder noutra qualquer oportunidade, sem ter que se justificar.

Porém, seja qual for a atitude do Estado quanto ao subsídio desejado, a obra, na sua essência, nunca é atingida; apenas a sua execução pode ser retardada no caso de recusa ou apressada no caso de concessão ou mesmo suspensão num caso extremo de insuperáveis dificuldades financeiras, mas nunca, nunca, se destrói o que já esteja feito.

Não merecem, pois, por si próprias, o tempo que se gaste em discutilas, as restrições a que nos vamos referir.

Diz a Comissão que o custo das obras é excessivo e que a ele não corresponde a futura capacidade do edificio, que devia comportar desafogadamente todos os serviços públicos a que se destina.

Em primeiro lugar, se o custo da obra é excessivo ou diminuto, isso é apenas com a Câmara que lhe estabeleceu um limite nas bases do concurso a que se procedeu. É claro que esse limite tem de se entender actualizado segundo o valor do escudo no momento da apreciação; mas seja qual for, o que há a considerar é se o custo da obra está ou não dentro das possibilidades económicas do concelho e por pequenas que estas fossem, que não são, a obra era sempre possível, atendendo a que não tem de se concluir e pagar num prazo determinado; na pior das hipóteses, a única consequência seria ter a Câmara de esperar pela sua instalação definitiva e condigna 10 anos em lugar de 5 ou 3, o que os factos demonstram não ser impossível, visto que já espera, com as obras paradas, há mais de 20.

Agora, se o preço corresponde ou não à futura capacidade do edificio, salvo o devido respeito, não tem por onde se lhe pegue. O preço há-de, necessariamente, corresponder ao custo dos materiais e mão de obra que forem necessários para execução do projecto; a não ser que se dêem desvios criminosos contra os quais existem as respectivas sanções legais e que se evitam por meios fáceis e regulamentados pelas normas administrativas a que a Câmara tem sempre de obedecer.

Mas a Comissão diz, na redacção, sempre pouco precisa, do seu parecer e no período que estamos discutindo que o tal preço excessivo não corresponde à capacidade do edificio "que devia comportar desafogadamente todos os serviços públicos a que se destina".

Este "devia comportar desafogadamente" talvez queira insinuar que esse desafogo não se verifica, na realidade; e porque, de facto, a falta de espaço suficiente para a instalação ampla de todas as repar-

Livros & Jornais

Sete para morrer — por Harman Long.

Eis mais uma das boas novelas policíicas que a Editorial Gleba acaba de publicar. A acção já de si é atraente, mas o enredo está de tal forma construído que o interesse só acaba no fim. O leitor, decerto, depois de algumas das cenas policíicas apresentadas na novela, julga-se também com um pouco de tacto detectivista. Imagina que o criminoso será A ou B. Parece que as provas nascem. Recaem as culpas. No entanto, o leitor que, a princípio, se julgou talvez juiz consciencioso, debate-se em breve num labirinto de probabilidades. Nisto, é que reside o principal valor da Harman Long. O criminoso, como tantas vezes acontece na vida real, é quem menos se espera. «Sete para morrer», escrita e traduzida num português de boa gramática, é, pois, uma novela policíica a que não faltam as mais brilhantes qualidades do género. Estamos certos de que é mais um êxito da colecção «Novelas Políicias». — Edições Gleba, L.d. — Lisboa.

O Bandido Chinês — por Harman Long.

Esta novela policíica, um pouco inferior a outras da mesma colecção e às quais nos temos referido nestas mesmas colunas, trata de um tema não muito usual. Ignora-se o paradeiro do criminoso, mas sabe-se em parte quem ele é e a organização que chefiava. Os seus subordinados são sumidades na arte do crime. Intentam surripiar a fórmula de certo invento que muito contribuiria para a vitória dos aliados. A policia, tanto amadora como profissional, estava de ataláia. Denodadamente procurava o cabeçilha, mas todos os seus passos seriam frustrados se não fosse o auxilio de Lawless — um gatuno sem séquito mas de largos horizontes matreiros, que era amigo do detective Keen. A novela, de construção mais frouxa e de ambiente mais tÍbido do que os de outros livros do género publicados pela Editorial Gleba, L.d., como acina dizemos, tem, apesar disso, alguns capítulos emocionantes e algumas páginas de proba e feliz compreensão policíica.

Contos de Pirandello.

Lê-se no prefácio deste livro. «Luigi Pirandello começou em Roma a sua carreira de escritor, depois de 1890, isto é, quando triunfava a arte de d'Annunzio, com a sua sensualidade, as atitudes humanas, as magnificências de estilo. D'Annunzio afastara-se muito — pelo menos assim parecia — do realismo dos seus primórdios... Ao contrário, Pirandello, como bom siciliano, amigo de Capuana, continua convencido da grandeza de Verga, da força daquela tendência artística, e, pondo-se a escrever contos e romances, não se deixa influenciar pelo dannunzianismo. Segue o processo realista, mesmo quando se afasta dos assuntos do campo, siciliano, e dá-se a um género humorístico todo seu, macabro e alegre ao mesmo tempo. As vicissitudes da sua vida, fechada, cinzenta, encobertamente dramática, impelem-no para um particular pessimismo, convencido da impossibilidade que tem o homem de conhecer a verdade além das aparências, e da multiplicidade dolorosa da pessoa humana. Pessimismo amargo e por vezes azedo, mas brotando de um fundo de bondade, de uma alma quase infantil; e, portanto, o seu conjunto inspira uma fraterna compaixão pela dura sorte que — principalmente em certas épocas incrédulas e desanimadas — é reservada ao homem, este ser tão fraco, tão frágil, no mundo.»

Estas palavras encerram quase toda a essência da vida e da obra de Pirandello. Sobre as suas lutas e amarguras, nada mais acrescentaremos: Basta apenas saber-se que sofreu, pois que seria inútil repisar passagens que uma grande maioria do público conhece. Quanto à sua obra, chamamos a atenção do leitor para este livro de contos, onde encontramos Pirandello, com todas as suas características, com todas as suas qualidades, com todas as suas virtudes e até com os seus pequenos defeitos.

— Editorial Gleba, L.d. — Lisboa.

F. T.

Garrafas vasias novas

VENDEM-SE. Falar na Rua da Liberdade n.º 29, com Mário Sampaio — GUIMARÃES.

tições públicas no edificio é preocupação de muitos, necessitando, por isso, tal dúvida de mais demorado exame, deixaremos a sua discussão para o artigo seguinte.

Uma página do meu diário

Passei este domingo na minha aldeia, ou melhor na aldeia onde exerço a minha actividade. Enquanto o povo se recolheu à sombra protectora de Deus para ouvir um prégador de nomeada, deixando a aldeia embebida num silêncio impressionante como se tivessem morrido todos os habitantes, eu deixei-me ficar à janela do meu quarto admirando a paisagem iluminada por um sol doirado.

Gosto e aprecio nos momentos da minha melancolia e do meu desespero debruçar-me à janela do meu quarto e embeber, embriagar os sentidos na paisagem luxuriante que se aprecia desta janela.

Frente a ela, do outro lado do rio levanta-se a Abobaeira, serra maravilhosa com seus cabeços arredondados, destacados sobre um céu de anil.

Desde o vale até ao cimo, terminados por pinheiros esguios, estendem-se tabuleiros de verdura dos mais variados tons e matizes.

Tudo está em silêncio e o ar sereno da tarde é apenas quebrado pelo chilrear alegres dos pardais e pelo marulhar do rio que passa lá ao fundo a cantar um poema de rimas estranhas que começou na nascente e vai terminar no mar!

Faz bem ao meu espirito turbulento e doentio esta tarde de sol, esta paz virgiliana... Um automóvel que passa na estrada poeirenta chama-me à realidade, à vida, ao turbilhão dos grandes meios.

Prefiro ficar aqui entregue aos meus pensamentos, debruçado a esta janela a beber a doçura desta tarde...

Tentei escrever mais algumas páginas do romance que trago entre mãos. Mas desisti e preferi dar largas ao meu pensamento e sonhar, preferi estar debruçado à janela do que estar agarrado à secretária, àquelas folhas brancas de papel que eu encho de rabiscos.

Naquele dia que os meus amigos me levaram por instantes daqui desta aldeia, conheci o drama daquela mulher e de tal maneira ele me impressionou que eu resolvi aproveitá-la para figura principal do romance que trazia já há bastante tempo na idéia. Vamos a ver o que sai. Tenho confiança. Trabalharei nele o tempo que for necessário.

Sylvia talvez seja o seu nome em homenagem a essa mulher cujo drama me comoveu e imperssionou...

Amarante. Fernando Soares.

As Fábricas

Especialidade em artigos para Armazém de Fazendas Brancas, Malhas e Miudezas.

Agente Comercial com clientela adquirida há muitos anos no Centro do País, deseja aceitar colecções.

Informa: Fábrica de Malhas de Santa Luzia, Rua de Paio Galvão, Telefone, 4231, GUIMARAES.

PIANOS

Compra e vende particulares. Afinações, etc. António José Ferreira, Rua D. Frei Caetano Brandão, 79 — BRAGA.

José Pelayo e Silva

Solicitador encartado Escritório: Largo do Toural, 52-1.º — GUIMARÃES —

Cartas ao Director

O Vinho, problema instante

Sr. Director

Na sua nova Secção, Cartas ao Director, o «Noticias» abre assim uma coluna de interesse popular, aonde os leitores podem chamar a atenção de todos para assuntos que escapam entre a quantidade de questões que nos affligem. Alvitro que as cartas recebidas tivessem um titulo para chamar a atenção do leitor para o assunto versado: esta por exemplo seria «O vinho, problema instante»

Passa presentemente a viticultura uma crise tremenda de resultados desoladores. O vinho não tem saída; a produção da última colheita tem pouca procura; o preço baixa de dia para dia, ocasionando sérios prejuizos: diminuindo gravemente as receitas do proprietário e do lavrador, com os seus reflexos no comércio e na industria em geral.

Quem não tem receitas não faz despesas; quem não vende não compra.

O viticultor vê o seu trabalho mal remunerado, porque o preço do vinho não o compensa do custo da produção e, desorientado, envereda por caminhos errados. Abre as suas adugas, vendendo o vinho a granel, directamente ao consumidor, fazendo, portanto, concorrência ao taberneiro, complicando por isso ainda mais o problema. Quem tem muito, vende a preços baixos, obrigando aqueles que têm pouco a fazer o mesmo preço. Nestas circunstâncias ninguém lucra, e o futuro da maior riqueza do país caminha para a ruína.

Eis um exemplo: em 1946 colhi 15 pipas de vinho, que vendi por cerca de 30 contos; em 1947 colhi 20 pipas que não me rendem 20 contos. Por este exemplo se pode ver qual o futuro da viticultura.

Agora isso, a loucura de certos proprietários, facilmente enriquecidos, apossados duma febre de substituir, as árvores por ramadas, aonde a videira é mais produtiva, cerca de duas e meia vezes, num futuro próximo as colheitas serão de tal forma abundantes que o excesso de produção não terá possível consumo. Essa loucura das ramadas é de tal natureza, que um grande proprietário, desses facilmente enriquecidos, afirmava numa excreção de grandeza, não desejar ver mais em suas quintas uma única árvore de vinho!

É impossível a um governo atender a todos os problemas ou intentar solucioná-los por medidas drásticas, sempre antipáticas, se não conta com o entendimento e compreensão de todos aqueles que esses problemas affectam. Deve-se olhar com a maior atenção para o interesse geral, pois se cada qual pretende fazer o que melhor lhe apraz, o prejuizo que disso resulta recai também sobre eles próprios.

Que cada um medite bem no que acabamos de dizer e veja, se hoje existe enorme dificuldade em vender o vinho da última colheita, o que será quando a produção um dia for muito maior. São mais catastróficas as crises de abundância do que as crises de insuficiência. Das primeiras surgem calamidades sem conta, das segundas surgem as iniciativas e o progresso.

Um assinante.

EDITAL

Licenças de Comércio ou Indústria

Dr. Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha, presidente da Câmara Municipal do Concelho de Guimarães

Faço saber que os indivíduos ou firmas, que na área deste concelho exerçam comércio ou industria, devem solicitar as respectivas licenças camarárias durante o mês de Abril próximo, na secretaria municipal, em impresso próprio, fornecido na mesma secretaria, ao qual juntarão a licença anterior, a apólice, o recibo de seguro, se o tiverem efectuado, o alvará sanitário, se a este estiverem sujeitos, e o conhecimento da contribuição industrial paga ao Estado.

Os transgressores serão punidos pela forma indicada nas Posturas Municipais.

Para que não possa ser alegada ignorância, se publica o presente e outros de igual

Srs. Agricultores

O adubo «Vencedor» é um adubo indispensável aos seus terrenos, por ser um adubo completo, e rigorosamente preparado.

O «Vencedor» é um adubo muito equilibrado, e que vos garante uma boa compensação nas vossas sementeiras.



Só com o adubo «Vencedor» é que podeis conseguir o máximo de produção.

Prefiram só Adubo «Vencedor».

Fórmulas especiais para todas as culturas, principalmente para VINHA, BATATA, OLIVEIRAS e CEREAIS.

BATATAS DE SEMENTE certificadas, Nacionais e Estrangeiras.

Pedidos ao Agente A. J. FERREIRA DA CUNHA 38, Praça D. Afonso Henriques, 39 — GUIMARÃES ou a SIMÕES & IRMÃO, L.ª Rua Dr. Sousa Viterbo, 20.1.º // Telef. 23129 // Teleg.: «SIMOS» PORTO — (Ao fundo da Rua Mousinho da Silveira).

FRANCISCO JOAQUIM DE FREITAS & GENRO

CASA CHAFARICA

(REGISTADA)

Largo do Toural, 70 a 73 — Telefons, 4306 — GUIMARÃES

Anejo: ARMAZÉM DE MERCEARIA de Francisco Pereira da Silva Quintar

CORRESPONDENTES de:

Banco Borges & Irmão, Banco Burnay, Banco Espírito Santo e Comercial de Lisboa, Banco Lisboa & Açores, Banco Pinto & Sotto-Mayor, Banco Português do Atlântico, Banco Regional de Aveiro, Credit Franco-Português, Piano Pereira & C.ª — Banqueiros.

DEPOSITARIOS de:

Companhia Portuguesa de Tabacos, A Tabaqueira, Fósforos, Companhia — Presidente, Produtos «Shell», Sociedade de Produtos Lácteos.

Vinhos Borges e Lotaria do Banco Borges & Irmão.

Recebem-se encomendas para fornecimento de SULFATO, ADUBOS e ENXOFRE, da CUF, que serão executadas na sua totalidade e aos preços officiaes.

SEGUROS EM TODOS OS RAMOS

Agentes Transitários e Camionistas

Encarregam-se do desembaraço de mercadorias, por Exportação e Importação. Sua Recolha ou entrega no Domicílio.

JOSE DE MELLO

Casa fundada em 1828

ESCRITÓRIOS: Rua Nova da Alfândega n.º 67 — PORTO com Armazens de Retem e Depósitos (Área coberta: 3.000 metros quadrados)

EM MATOSINHOS: R. de Brito Capelo n.º 912 e R. de Roberto Ivens n.º 903

Telefones: 21078 e 21074 — Mat. 647 — Est. 57

José Rodrigues Ferreira

HORTICULTOR

Casa da Lomba — Cabouco — Coimbra

Encarrega-se da plantação de oliveiras com todos os requisitos da nova técnica, assim como todas as plantas de fruto.

Pode ser procurado em Guimarães, na PENSÃO LOPES, à «Porta da Vila».

705

teor, que vão ser afixados nos lugares públicos do costume.

E eu, João das Neves, Chefe da Secretaria, o subscrevi.

Paços do Concelho de Guimarães, 16 de Março de 1948.

O Presidente, Augusto Gomes de Castro Ferreira da Cunha.

801

Fernando Pizarro de Almeida

ADVOCADO

ESCRITÓRIO: Rua de Gil Vicente, 66 GUIMARÃES

VENDE-SE Uma Quinta denominada de Santarém, em Vila Nova de Sande, com casa de senhorio, pagando seis carros de medidas, com muito vinho e bravio.

Falar a Dr. Rocha Abreu, Rua de Santo António, 111 — GUIMARÃES.

794

CASA

Aluga-se casa perto da cidade com 2 andares e garagem. Informa esta Redacção.

782

SÓ NA ANTIGA CASA BARROSO se encontra à venda, o sempre fresco, o legítimo **Pão de Ló de Margaride** de BRAGA & CARVALHO, SUCR. legítimo de Leonor Rosa da Silva, Suc.res assim como lindas caixas de fantasia, para amendoas e bom-bons, próprias para brindes. VINHOS DO PORTO CALEM, BORGES E FERREIRINHA. CHAMPANHES DA COMPANHIA VINÍCOLA E RAPOSEIRA. Largo do Toural - Tel. 4126 - GUIMARÃES.